

## Ética ambiental

Holmes Rolston, III

A ética ambiental consiste em teoria e prática sobre preocupação apropriada com valores e deveres em relação ao mundo natural. Segundo explicações clássicas, a ética diz respeito a pessoas relacionando-se com pessoas em justiça e amor. A ética ambiental parte de preocupações humanas com uma qualidade ambiental, e alguns pensam que isto molda a ética como um todo.

Outros sustentam que, além das preocupações inter-humanas, os valores estão em jogo quando os humanos se relacionam com animais, plantas, espécies e ecossistemas.

Segundo essa visão, os humanos devem julgar a natureza às vezes considerável moralmente nela mesma, e isto orienta a ética para novas direções.

### 1. A virada ambiental

Os humanos são os únicos agentes morais auto-reflexivos, deliberativos. A ética é para pessoas. Mas são os humanos os únicos agentes valorosos, avaliadores em um mundo, de resto, livre de valores? Os humanos coabitam na Terra com cerca de 5 a 10 milhões de espécies. A natureza equipou o *Homo sapiens*, a espécie sábia, com uma consciência. Talvez a consciência seja menos sabiamente utilizada do que deveria ser quando, como na ética clássica do Iluminismo, exclui de consideração a comunidade global da vida, com o paradoxo resultante de que a espécie moral auto-consciente age somente em seu auto-interesse coletivo em relação ao restante. A

ética ambiental sustenta que nós, humanos, não somos tão “iluminados” quanto seria de se supor, não até que alcancemos uma ética mais respeitosa.

Se alguém tivesse tentado prever o futuro da filosofia no meio do século XX, um dos mais surpreendentes desenvolvimentos teria sido a ascensão da filosofia ambiental. A ética ambiental permaneceu desconhecida até meados da década de 1970. Isso mudaria rapidamente. Os filósofos publicaram dúzias de antologias e obras sistemáticas no campo, e cursos são ministrados em centenas de universidades e faculdades em muitos continentes. Existem quatro periódicos profissionais. A Sociedade Internacional para Ética Ambiental (International Society for Environmental

Ethics – ISEE) possui 400 membros em 20 países. O Congresso Mundial de Filosofia (1998) dedicou quatro seções à filosofia ambiental, com vários outros periódicos relacionados.

A bibliografia constante da página na Internet do ISEE contém 8 mil artigos e livros não só de filósofos, especialistas em ética e teólogos, mas também de governantes, juristas, profissionais do ambientalismo, guardas-florestais, biólogos, ecologistas, economistas, sociólogos, historiadores, empresários e empreendedores – todos com uma preocupação ética sobre os usos humanos do ambiente natural. Embora a primeira edição deste livro não contivesse nenhum capítulo sobre ética ambiental, esta segunda edição inclui esta revisão ética.

Os filósofos pensaram a respeito da natureza por milênios. Embora haja uma ética implícita em muitas dessas visões de mundo, isto jamais foi muito desenvolvido no Ocidente. Na seqüência do Iluminismo e da revolução científica, na filosofia secular a natureza passou a ser vista como um reino destituído de valores, regido por forças causais mecânicas. Os valores surgiram somente com os interesses e preferências dos humanos. Nas teologias judeu-cristãs que prevaleciam anteriormente, Deus criou uma boa terra com miríades de criaturas, e sujeitou-as ao domínio humano. Por quatro séculos, a filosofia ocidental e a TEOLOGIA (capítulo 15) foram predominantemente humanistas ou, em vocabulário corrente, antropocêntricas.

A ética ambiental aplica a ética ao ambiente de maneira análoga à ética aplicada aos NEGÓCIOS (capítulo 19), à MEDICINA (capítulo 17), à engenharia, ao DIREITO (capítulo 13) e à tecnologia. Semelhantes aplicações humanistas podem representar um desafio: limitar o crescimento popula-

cional ou o desenvolvimento, questionar o consumismo e a distribuição de riqueza, defender a inclusão de mulheres ou povos aborígenes, ou advertir contra o aquecimento global.

A qualidade ambiental é necessária para a qualidade da vida humana. Os humanos reconstróem dramaticamente seus ambientes; ainda assim, suas vidas, preenchidas com artefatos, são vividas em uma ecologia natural na qual recursos – solo, ar, água, fotossíntese, clima – são questões de vida e morte. Os destinos da cultura e da natureza estão interligados, de modo similar (e relacionado) à maneira pela qual as mentes são inseparáveis dos corpos. Assim, a ética precisa ser aplicada ao meio ambiente.

Em maior profundidade, porém, a ética ambiental é mais radical na “ética aplicada” (como muitos defendem) fora do setor dos interesses humanos. A ética contemporânea tem se preocupado em ser abrangente: pobres e ricos, mulheres e homens, gerações futuras e do presente. A ética ambiental é ainda mais abrangente. Baleias assassina-das, lobos extintos, corujas e seus hábitats destruídos, corte de antigas florestas, a Terra ameaçada pelo aquecimento global – estas são questões éticas intrinsecamente ligadas a valores destruídos na natureza, assim como instrumentalmente ligadas a recursos humanos postos em risco. Os humanos precisam incluir a natureza em sua ética. Precisam incluir-se na natureza.

Com certa ironia, exatamente quando os humanos, com suas cada vez mais avançadas tecnologia e indústria, pareciam cada vez mais distantes da natureza, dotados de mais conhecimento sobre processos naturais e mais capacidade de lidar com eles, o mundo natural surgiu como um foco de preocupação ética. A capacidade humana de afetar a natureza aumentou de maneira

dramática, assim como aumentou o desaparecimento de espécies ou o aquecimento global. Populações que crescem de maneira explosiva suscitam a preocupação de que os humanos não mantiveram uma relação sustentável com seu ambiente. E tampouco distribuíram de maneira equitativa os benefícios derivados dos recursos naturais. Por fim, tampouco tiveram sensibilidade suficiente para o bem-estar das miríades de outras espécies.

O plano aqui é delinear seis níveis de preocupação: humanos, animais, organismos, espécies, ecossistemas, Terra. Eles serão cruzados com mais de uma dúzida de diferentes abordagens à ética ambiental: ética humanista, ética do bem-estar animal, biocentrismo, ecologia profunda, ética da terra, ética ambiental teológica, ética da ecojustiça, ética comunitarista com âmbitos de preocupação, ética da virtude ambiental, ética ambiental axiológica, ecologia política, ética do desenvolvimento sustentável, biorregionalismo, ecofeminismo, ética ambiental pós-moderna e ética local.

## 2. Humanos: as pessoas e seu mundo

Os humanos são ajudados ou prejudicados pela condição de seu ambiente, e só os que não acreditam em ética em geral podem duvidar de que existe alguma ética concernente ao meio ambiente. A ética se preocupará com o que importa para os humanos aqui – benefícios, custos e sua justa distribuição, riscos, níveis de poluição, direitos e erros judiciais, sustentabilidade e qualidade, os interesses das futuras gerações. Uma ética antropocêntrica defende que as pessoas são tanto sujeitos como objetos da ética. Os humanos não têm deveres em relação a pedras e rios, nem em

relação a floras ou ecossistemas, e quase nenhum em relação a pássaros ou ursos. Os humanos têm sérios deveres em relação a outros humanos. Os antropocentristas podem querer salvar essas coisas pelos benefícios que trazem. Porém, o meio ambiente é o tipo errado de alvo para uma ética. A natureza é um meio, não um fim em si mesmo. O homem é a medida de todas as coisas, disse Protágoras, um antigo filósofo grego, fornecendo o tom da filosofia desde então.

De maneira deliberada e extensiva, os humanos reconstróem o meio ambiente natural espontâneo e moldam os ambientes rural e urbano em que residem. Preocupamo-nos com a qualidade de vida nesses híbridos de natureza e cultura. A ética surge para proteger vários bens em nossas culturas; esta, historicamente, tem sido a principal arena. Como os filósofos dizem com frequência, a ética é uma característica do CONTRATO SOCIAL (p. 668-673) humano. As pessoas ordenam uma sociedade na qual elas e aqueles com quem vivem não (ou não devem fazê-lo) mentem, não roubam, não matam. Isto é certo, e uma das razões por que é certo é que as pessoas precisam cooperar para sobreviver; e quanto mais cooperarem de maneira confiável, mais florescerão. Uma maneira de ver isso é a chamada POSIÇÃO ORIGINAL (p. 277-278), na qual se estabelece um contrato imaginando o que é melhor para uma pessoa em geral, cega para as circunstâncias de tempo e lugar em que se está. É aí que um senso de universalidade, ou pelo menos de panculturalismo, em moralidade apresenta uma base racional plausível.

Uma grande parte do trabalho em ética ambiental pode ser feita dentro do contrato social. A maior parte da política ambiental é desse tipo. Os humanos precisam ser saudáveis. A saúde, porém, não é simplesmente uma questão de biologia, da pele

para dentro. A saúde ambiental, da pele para fora, é igualmente importante. É difícil ter uma cultura saudável em um ambiente doente. Mais do que isso, os humanos desejam um ambiente de qualidade, em que usufruam das amenidades da natureza – vida selvagem, flores selvagens, paisagens, lugares solitários –, bem como das comodidades – madeira, água, solo, recursos naturais. A manutenção de um meio ambiente saudável e da qualidade do meio ambiente pode certamente ser contada como dever em um contrato social.

A ética ambiental, nessa visão, baseia-se no que podemos chamar de um direito humano à natureza. A Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento afirma: “Todos os seres humanos têm o direito fundamental a um meio ambiente adequado para sua saúde e seu bem-estar” (1987b, p. 9). Isto inclui os bens naturais básicos: ar, solo, água, ecossistemas operantes, ciclos hidrológicos e assim por diante. Estes podiam antes ser dados como certos. Mas agora esse direito precisa ser explicitado e defendido. Note-se que não se trata de nenhuma reivindicação contra ou a favor da natureza; é uma reivindicação feita contra outros humanos que podem nos privar dessa natureza.

As quatro questões mais críticas que os humanos enfrentam atualmente são: paz, população, desenvolvimento e meio ambiente. Todas estão entrelaçadas. Os desejos humanos por desenvolvimento máximo impulsionam o aumento da população, acelera a exploração do meio ambiente e alimenta as forças da guerra. Aqueles que exploram pessoas tipicamente explorarão a natureza – animais, plantas, espécies, ecossistemas e a própria Terra. Ecofeministas julgaram que isso é especialmente verdadeiro onde mulheres e a natureza são ambas exploradas.

Os interesses da ética ambiental a partir de perspectivas de ecologia política, desenvolvimento sustentável, biorregionalismo, ecojustiça, ética da administração, virtudes humanas no cuidado, senso de lugar – todos tendem a ser humanistas e a reconhecer que a natureza e a cultura têm seus destinos entrelaçados. Bryan G. Norton (1991) sustenta que antropocentristas plenamente esclarecidos e ambientalistas mais naturalistas concordarão quase inteiramente sobre a política ambiental, o que ele chama de uma “hipótese da convergência”.

### 3. Animais: bestas de carne e sangue

A ética é para pessoas, mas será apenas para elas? Os animais selvagens não fazem do homem a medida das coisas. Não há melhor evidência de valores e formadores de valores não-humanos do que a vida selvagem espontânea, nascida livre e vivendo por sua própria conta. Os animais caçam e uivam, encontram abrigo, procuram seus *hábitats* e parceiros, cuidam de suas crias e fogem de ameaças. São feridos e lambem suas feridas. Os animais mantêm uma valorizada auto-identidade enquanto enfrentam o mundo. Defendem suas próprias vidas porque têm um bem próprio. Há alguém por trás dos pêlos ou das penas.

Um animal valoriza sua vida pelo que é em si, sem uma referência adicional, embora, é claro, habite um ecossistema do qual depende a sustentação de sua vida. Os animais são capazes de valores, capazes de valorizar coisas em seu mundo, suas próprias vidas intrinsecamente e seus recursos de maneira instrumental. Assim, pode e deve haver uma ética do bem-estar animal; ou, como alguns preferem dizer, uma ética dos direitos dos animais.

Tais eticistas podem dizer ainda que o valor existe somente quando um sujeito possui um objeto de interesse, só que agora reconhecendo que os prazeres e as dores de sujeitos não-humanos devem ser levados em conta. Pelo menos uma parte do que conta em ética é genérico a nosso parentesco com os animais, não específico apenas de nossa espécie. O senso comum, primeiramente, e depois a ciência ensinaram-nos que nós, animais humanos, temos muitas similaridades com animais não-humanos. Ninguém duvida de que os animais têm fome, sede, calor, ficam cansados, excitados e adormecem. As seqüências de códigos protéicas do DNA para genes estruturais em chimpanzés e humanos são mais do que 99% idênticas.

Confrontados com semelhantes fatos, temos de filosofar a respeito deles. A conclusão parece ser que, quaisquer que sejam nossas diferenças específicas como *Homo sapiens*, existe também um parentesco com outros. Por equidade de raciocínio, parece que, se aquilo que os humanos valorizam em si mesmo é encontrado em outros, eles devem também valorizá-los em outros não-humanos. Valorizamos o que não se encontra diretamente em nossa linhagem, mas é suficientemente parecido conosco que somos levados, por extensão, a valorizar em fenômenos comuns manifestos em outros. O princípio da universalizabilidade requer que um eticista reconheça valores correspondentes em pessoas afins. Um aumento da sensibilidade ética, ou virtude, tem com freqüência ampliado o círculo de próximos a fim de incluir outras raças e culturas. Mas esses círculos ampliados não terminam com uma reciprocidade entre agentes morais. Uma ética comunitarista encontra círculos concêntricos cada vez maiores em torno do *self* moral: família,

comunidade local, nação, humanidade e – em um círculo que está nas redondezas porém mais distante – animais.

Um alce não sofre os rigores do inverno como nós (os humanos tendo evoluído nos trópicos). Talvez o pássaro canoro não esteja feliz quando canta. Mas não se deve cometer a falácia humanista de não supor análogos naturais ao que os humanos valorizam. Temos todas as razões lógicas, biológicas e psicológicas para valorizar graus positivos de parentesco. Surgirão conflitos de interesse. Pode mesmo haver tipos ruins (cascavéis?), mas *prima facie*, pelo menos, essas vidas afins contam. São coisas bem adaptadas a seus lugares, tendo co-evoluído com outras. Presumivelmente, a vida animal é um SUCESSO EVOLUTIVO (p. 343-352) e uma boa coisa.

Alguns podem considerar lógica ou psicologicamente impossível valorizar tipos de experiências que não podemos compartilhar (os das cobras). É verdade, as vidas animais não coincidem com a nossa, e há domínios da experiência que não podemos alcançar e são difíceis de avaliar. No entanto, nem por isso devemos subestimar o gênio humano para apreciação ponderada e respeito considerável por formas alheias. Enquanto isso, os direitos dos animais afins devem ser levados em conta na ética ambiental.

#### 4. Organismos: respeito pela vida

Uma ética biocêntrica requer respeito apropriado por todas as coisas vivas, não só pela vida animal e por animais de criação, mas agora pelas borboletas e sequóias. Além disso, a maior parte do mundo biológico ainda tem que ser levada em conta: animais inferiores, insetos, micróbios, plan-

tas. Mais de 96% das espécies são invertebrados ou plantas; somente uma pequena fração dos organismos individuais são animais sencientes. Considerar plantas faz a diferença entre o biocentrismo e uma nítida ética dos direitos animais.

Uma planta é um sistema de vida espontâneo, que se automantém com um programa genético de controle (embora sem centro controlador, sem cérebro). Uma planta não é um sujeito, mas tampouco é um objeto inanimado, como uma pedra. As plantas, bem vivas, são entidades unificadas do domínio botânico, embora não zoológico; ou seja, não são organismos unitários altamente integrados com controle neuronal central, mas são organismos modulares, com um meristema que pode repetida e indefinidamente produzir novos módulos vegetativos, raízes e folhas adicionais onde houver espaço e recursos disponíveis, assim como novos módulos reprodutivos, frutos e sementes.

As plantas não têm projetos em perspectiva, e nesse sentido familiar não possuem metas. Porém, a planta cresce, reproduz-se, cura suas feridas e resiste à morte, mantendo uma identidade botânica. Tudo isto, de certa perspectiva, é apenas bioquímica – o dia-a-dia de moléculas orgânicas, enzimas, proteínas –, assim como pode dizer-se também dos humanos. Mas de uma perspectiva igualmente válida – e objetiva – a morfologia e o metabolismo que o organismo projeta é um estado valorizado. *Vital* é uma palavra mais ampla, hoje, do que *biológico*. Poderíamos mesmo argumentar que o conjunto genético é um *conjunto normativo*; ele distingue o que *é* do que *deve ser* – não, é claro, em qualquer sentido moral consciente –, mas no sentido de que o organismo é um sistema axiológico. O genoma é um conjunto de moléculas de conserva-

ção. Uma vida é espontaneamente defendida pelo que ela é em si mesma.

Alguém pode objetar: “As plantas não se importam, por que eu deveria me importar?” Mas as plantas se importam – utilizando padrões botânicos, a única forma de cuidado que elas têm. A vida da planta *per se* é defendida – um valor intrínseco. Embora as coisas não importem *às* árvores, muita coisa importa *para* elas. Perguntamos: “O que há *com* essa árvore?”. Se está faltando luz solar e nutrientes do solo, nós providenciamos isso, e a árvore se põe a funcionar e recupera sua saúde. Tais organismos “levam em conta” a si mesmos; e devemos levá-los em conta também.

Para eticistas clássicos, tudo isso parece estranho. As plantas não constituem valores com preferências que possam ser satisfeitas ou frustradas. Parece curioso dizer que flores selvagens tenham direitos, ou posições morais, ou necessitem de nossa simpatia, ou que devemos considerar seu ponto de vista. Porém, os biocentristas sustentam que a ética ambiental não é apenas uma questão de psicologia, mas de biologia. Os círculos concêntricos continuam em expansão. Todo organismo tem um *bem em seu gênero*; ele defende seu próprio gênero como um *bom gênero*. Talvez o homem seja o único que tenha a capacidade de medir e deliberar sobre as coisas, mas ele não precisa fazer de si mesmo a única medida a utilizar. A vida é uma melhor medida.

## 5. Espécies e biodiversidade: linhagens de vida ameaçadas

No nível das espécies, as responsabilidades aumentam. O mesmo ocorre com o desafio intelectual de defender deveres em relação às espécies. O que são as espécies?



### Qualidades adaptativas e ética inclusiva

A ética e a biologia mantiveram relações incertas nos últimos séculos. Um argumento muito utilizado proíbe passar do que é o caso (uma descrição de fatos biológicos) para o que *deve ser* o caso (uma prescrição de dever); quem quer que faça isso comete a FALÁCIA NATURALISTA (p. 871-873). Por outro lado, se vidas naturais espontâneas possuem valor próprio, e se os humanos encontram e põem em perigo esse valor, então parece que os humanos não devem destruir valores na natureza, não pelo menos sem uma justificação mais forte que produza maior valor. Talvez alguns desses tipos de plantas sejam maus tipos (plantas venenosas?), mas mais uma vez, como ocorre com os animais, em seus *hábitats* elas estão adaptadas, é de se presumir que sejam bem apropriadas para a vida em seus nichos. O contra-risco é uma falácia de valor deslocado, um erro humanista que considera que o valor reside exclusivamente na satisfação de nossas preferências humanas. O problema é que, a despeito da excelência de nossas explicações cada vez mais científicas em biologia, a natureza foi filosoficamente mapeada como um espaço moral em branco, livre de valores. Teologicamente, esquecemos a boa criação de Deus.

A ética é significativamente uma questão de respeito pelos outros pelo que são em si mesmos, independentemente de meus próprios interesses. Isto é altruísmo. Porém, uma ética humanista não é ainda realmente "altruísta" em relação a quaisquer outros não-humanos; mesmo uma ética dos direitos dos animais só encontra valor em nossos primos animais. A ética ambiental, a mais altruísta das éticas, leva em conta todos os outros organismos vivos. Isso de modo algum nega mudanças e graus de importância e valor. Dadas nossas necessidades biológicas, nós humanos também precisamos encontrar nosso caminho no mundo, e isso requer que defendamos a nós próprios (contra plantas venenosas) e apreendamos valores presentes em plantas e animais, para alimentação e abrigo. Os humanos fazem isso não só como agentes biológicos, mas como agentes morais. Temos, por assim dizer, um direito a comer. Também temos a responsabilidade de respeitar as vitalidades da fauna e da flora à nossa volta. Uma ética plena inclui todo organismo vivo.

A questão é científica, a ser respondida por biólogos. Têm os humanos deveres em relação a elas? A questão é ética, a ser respondida por filósofos. No plano biológico, as espécies são linhagens históricas. *Ursus arctos* (o urso cinzento) é uma seqüência contínua dinâmica urso-urso-urso, uma

forma específica de vida historicamente mantida ao longo das gerações por milhares de anos. A fêmea do javali dedica sua vida a seus filhotes. O indivíduo representa (re-presenta) uma espécie em cada nova geração. É um exemplar de um tipo, e o tipo é mais importante do que o exemplar.

### Preocupação moral com linhagens de espécies

Como em relação às plantas, eticistas clássicos com freqüência (mas não sempre) julgarão que as espécies são úteis recursos naturais. Mas eles as consideram obscuros objetos de preocupação moral direta. Ainda que possam ser ameaçadas, as espécies não podem "cuidar" — o que nos faz voltar à objeção que ouvimos antes. Elas simplesmente vão e vêm. Cerca de 98% das espécies que habitaram a Terra estão extintas. A maior parte dos eticistas diz que não se deve desnecessariamente destruir espécies ameaçadas; pessoas virtuosas não são vândalos. Mas muitos fornecerão razões humanistas, e pensarão que isto é suficiente.

Eticistas ambientais mais radicais afirmam que se deve respeitar essas linhagens de vida. A identidade biológica não precisa estar ligada somente ao indivíduo centrado, organismo modular, animal ou planta. Ela pode reafirmar-se geneticamente ao longo das gerações, persistindo como padrão discreto, vital ao longo do tempo. A vida que o indivíduo possui é algo que passa pelo indivíduo como algo que ele possui intrinsecamente, e um respeito abrangente pela vida inclui relacionar o dever dinamicamente a formas específicas de vida. O valor reside na forma dinâmica; o indivíduo herda isso, é um exemplo disso e passa-o adiante.

A unidade de sobrevivência apropriada é a locação apropriada de valor durável, em que a defesa da vida prossegue rumo à regeneração, assim como membros individuais de uma espécie se dedicam à sobrevivência de seu gênero. Plantas e animais não defendem apenas suas próprias vidas; defendem seus gêneros. Esses gêneros constituem o dinamismo da vida. O fim da corrente de vida na Terra é o acontecimento mais destrutivo possível. Ao ameaçar a biodiversidade da Terra, o erro que os humanos estão cometendo é deter a vitalidade histórica da vida. Toda extinção é um elemento a mais na decadência rumo a esse fim da vida. "Deve a espécie x existir?" é um elemento distributivo na questão coletiva "Deve a vida na Terra existir?". Uma vez que a vida na Terra é um agregado de muitas espécies, quando os humanos põem em risco as espécies, o ônus da prova está com aqueles que querem deliberadamente extinguir uma espécie e simultaneamente preocupar-se com a vida na Terra.

Poucos filósofos no passado ao menos suscitaram a questão dos deveres em relação às espécies, e muito menos responderam a ela. Agora, tal dever está se tornando mais claro. Se faz sentido dizer que não se deve matar indivíduos sem justificação, faz mais sentido ainda sustentar que não se deve extinguir linhagens de espécies sem extraordinária justificação. Trata-se de um tipo de superassassinato.

## 6. Ecossistemas: a ética da terra

Aldo Leopold, ecologista, guarda-florestal e profeta da ética ambiental, afirmou, em frases famosas:

Algo está certo quando tende a preservar a integridade, a estabilidade e a beleza da comunidade bioética. Está errado quando tende a algo diferente.

Que a terra é uma comunidade é o conceito básico da ecologia. Mas que a terra deve ser amada e respeitada é uma extensão da ética (Leopold 1969, pp. 224-5, viii-ix).

Em uma ética holista, esse nível ecossistêmico no qual todos os organismos estão mergulhados também conta moralmente — em alguns aspectos mais do que todos os organismos componentes, pois os processos sistêmicos geraram, continuam a apoiar e integram dezenas de milhares de organismos membros. A unidade apropriada

para preocupação moral é a unidade fundamental de desenvolvimento e sobrevivência. Isto, como dizíamos, trata-se de linhagens de espécies. Mas uma espécie é o que é onde ela é, cercada por uma ecologia.

Em uma ética axiológica, trata-se de um valor sistêmico, assim como instrumental e intrínseco. O valor reside em processos bem como em produtos. Valorizar indivíduos em meio à fauna e à flora e não os processos evolutivo e ecológico é como valorizar os ovos que o ganso dourado produz mais do que o ganso capaz de produzi-los. Seria um erro valorizar o ganso apenas instrumentalmente. Um ganso que põe ovos dourados é sistemicamente valioso. Quão mais valioso é um ecossistema que gera miríades de espécies, ou mesmo, como logo veremos, uma Terra que produz bilhões de espécies, incluindo nós mesmos?



Uma ética da terra pode parecer uma ética naturalista, mas as pessoas vivem nessa terra, e assim natureza e cultura se mesclam. Ao tentar mapear os ambientes humanos estamos valorizando três territórios principais: o urbano, o rural e o selvagem – todos os três necessários para que sejamos pessoas tridimensionais. A natureza está bem presente nos *hábitats* híbridos das paisagens rurais; precisa-

mos de uma ética para os agrossistemas. A vida selvagem pode permanecer extensivamente em paisagens postas a serviço de múltiplos usos; e desse modo precisamos de uma ética da administração da vida selvagem. Necessitamos de uma ética para florestas e terras cultiváveis, para a zona rural. A natureza está presente nas cidades, e também lhes fornece suporte.

#### Pessoas na paisagem rural: política ambiental e natureza administrada

A ética ambiental tem de ser dirigida a paisagens dominadas, administradas, perturbadas (e com frequência degradadas) pelos humanos. Semelhante ética da terra deve ser informada sobre a saúde dos ecossistemas, porém mais centrada na ecologia humana, na ecologia política. Governos e empresários têm grande influência sobre nossas vidas; ambos têm uma grande capacidade de afetar o meio ambiente, para bem ou para mal. Sistemas sociais fazem os humanos se comportarem como se comportam em relação a seu ambiente, e qualquer reforma efetiva terá de operar-se em instituições sociais reformadas, mas sensíveis em termos ambientais. A ética ambiental não pode ser pura e simplesmente uma ética do ecossistema; há apenas uma ética sobre a relação dos homens com seus ecossistemas, na economia em que eles vivem.

A ética ambiental deve ser corporativa; a ação precisa ser feita em conjunto: política dos verdes, negócios dos verdes. O meio ambiente natural é crucialmente um "comum", um bem público. As políticas precisarão relacionar tais bens comuns ao capitalismo, às propriedades dos meios de produção, às forças de mercado, às preocupações trabalhistas, às políticas de desenvolvimento realistas, aos direitos de propriedade dos indivíduos, ao controle populacional, à distribuição equitativa dos produtos feitos com recursos naturais. Não existe "mão invisível" que garanta uma harmonia ótima entre uma população e sua região, ou que as coisas certas serão feitas para o benefício da fauna, da flora, da espécie, dos ecossistemas ou em relação a futuras gerações.

Os humanos são geralmente levados a agir em seu auto-interesse; e eles o farão ao custo da degradação do meio ambiente a menos que uma política ambiental lhes incentive a agir de outro modo. Auto-interesse de curto prazo não será mais estimulado, especialmente quando acoplado com poder social. Assim, para respeitar ecossistemas e mantê-los saudáveis, para assegurar qualidade ambiental mesmo no âmbito de uma ética humanista, são necessárias leis para regular o uso privado e empresarial; essas regras são impostas no interesse

público em longo prazo por meio das forças democráticas.

O que dizer da natureza selvagem espontânea? Áreas selvagens e reservas naturais fazem parte de nosso ambiente global, mas não de nosso *hábitat* humano. O selvagem é um ambiente de que os humanos precisam e o qual devem respeitar, e podem querer visitá-lo. Mas não é um ambiente no qual possamos residir sem perder nossas características humanas. "O homem é por natureza um animal político", disse Aristóteles – o animal que

constrói e habita em uma *polis*, uma cidade. É por isso que, segundo alguns, a ética surge para governar a conduta na *polis*, com seu contrato social, comportamento de orientação para proteger os bens da natureza e da cultura humanas. Daí, dizem eles, a ética não pertence ao reino do selvagem. É para pessoas, em ambientes urbanos ou rurais.

Mas, novamente, uma ética ambiental mais radical, resolvendo ser bastante inclusiva e abrangente, sustenta que os humanos podem e devem deixar de lado áreas selvagens pelo que são em si mesmas, áreas que tentamos administrar tão pouco quanto possível, ou administrar os usos humanos delas, de forma a deixar que a natureza tome o seu curso, da melhor maneira que pudermos. Pessoas virtuosas devem respeitar a integridade, a liberdade da vida em toda sua selvageria. É verdade que os humanos também são uma espécie moral, que pode e deve respeitar ecossistemas evolutivos – pelo menos em partes representativas da paisagem.

Uma “ética do lugar” tende a ver os valores em grande medida como aqueles que seus habitantes humanos “põem” na natureza. O inglês ama sua zona rural. Porém, não deve essa ética ser sensível também aos valores que já estavam “no lugar” antes que nós humanos chegássemos para morar nele (os pássaros defendendo o bem de seu gênero)? Parte da ética requerida exige um senso construído de lugar; uma pessoa necessita de um senso corporal de residência. Outra parte respeita a natureza tal como é encontrada em si mesma, cega para as circunstâncias específicas do tempo e espaço particulares de uma pessoa. A visão pessoal deve ser complementada por uma visão regional, na verdade por uma visão global.

O biorregionalismo enfatiza a vida em paisagens regionais. A ética mais operacional aqui é aquela em que as pessoas se identificam por sua geografia. Há uma maior probabilidade de que as pessoas sejam motivadas pelo que elas têm em jogo em suas terras natais. É certo que se deve ter preocupação com espécies ameaçadas, o desaparecimento da vida selvagem, valores naturais intrínsecos ou conservação da vida selvagem, mas não é isso o que orienta o comportamento cotidiano. Afinal, a ecologia diz respeito a viver em casa (grego: *oikos*, “casa”). É aí que a ética da terra realmente opera. É onde as pessoas podem atuar, onde votam e pagam tributos. Precisam ser “nativos”, assim como “cidadãos”. Michel Serres (1995, p. 20) argumenta que “o velho contrato social deve ser acompanhado de um contrato natural”.

Uma biorregião, diz Kirkpatrick Sale (1985, p. 43), é “um lugar definido por suas formas de vida, sua topografia e sua biota, mais do que por imposições humanas; uma região governada pela natureza, não por uma legislatura”. Um foco sobre biorregiões permite “administrar ecossistemas”, um objetivo muito elogiado. O biorregionalismo faz apelo a geógrafos, arquitetos paisagistas, empreendedores, legisladores, comissários locais – todos aqueles encarregados de decisões sobre um ambiente de qualidade. Os humanos precisam aprender a “repovoar” suas paisagens. Isto constitui ética ambiental em escala humana.

Aldo Leopold conclui com uma ética da terra que ele recomenda universalmente. Não é por acaso, porém; é essencial que as primeiras páginas de seu *Sand County (Wisconsin) Almanac* lembrem um degelo em janeiro, a floração primaveril de *Draba*, a dança de acasalamento da galinhola. A residência biográfica de

Leopold é o fundo pessoal por trás de sua ética. Uma ética ambiental precisa estar enraizada na localidade.

Tomando a ecologia como modelo, o movimento da ecologia profunda enfatiza as maneiras pelas quais os humanos, ainda enquanto *selves* individuais, pode e deve estender esses *selves* através de uma rede de conexões. O *self* humano não é algo que se encontra apenas em nosso interior, um indivíduo atomísticos justaposto a outros indivíduos e ao resto da natureza. A ecologia dissolve qualquer fronteira firme entre humanos e o mundo natural. A ecologia não conhece egos autocentrados contrapostos a seu ambiente. O pensamento ecológico é um tipo de visão que atravessa as fronteiras. Os humanos possuem destinos tão entrelaçados com o mundo natural que sua qualidade mais rica de vida envolve uma maior identificação com essas comunidades. Tal transformação do *self* pessoal resultará em um cuidado apropriado com o meio ambiente.

As ecofeministas podem acrescentar que as mulheres estão melhor preparadas para tal cuidado do que os homens – pelo menos mais do que homens muito dominados pela visão “dominante”, demasiado inclinados a ser empresários.

## 7. Terra: ética do planeta natal

Visões da Terra a partir do espaço constituem as mais impressionantes fotografias já feitas. Foram as mais distribuídas, vistas por cerca de metade das pessoas da Terra. Poucos não são levados a um momento de verdade, pelo menos em seus impulsos reflexivos. A Terra como um todo é esteticamente estimulante, filosoficamente desafiante e eticamente perturbadora. Observou Michael Collins:

Recordo de maneira tão intensa o que vi quando olhei para minha frágil morada – um farol piscando, convidativo, de um delicado azul e branco, um minúsculo posto avançado suspenso no negro infinito. A Terra deve ser enriquecida e alimentada, algo precioso que *precisa* durar (Collins 1980, p. 6).

Há uma visão da ética da Terra no que ele vê.

Respondem porém os antropocentristas que este é “nosso planeta natal” revela o verdadeiro foco da preocupação ética: os humanos e seu futuro sustentável. Os humanos podem e devem ser considerados responsáveis pelo que estão fazendo à sua Terra, que é o suporte de seu sistema de vida. No entanto – prossegue o argumento – esses são deveres de pessoas em relação a outras pessoas; cuidar do planeta é um meio para esse fim.

A ética ambiental nas escalas global e regional está inextricavelmente ligada à ética do desenvolvimento. A Declaração do Rio inicia assim: “Os seres humanos estão no centro das preocupações com o desenvolvimento sustentável. Têm direito a uma vida saudável e produtiva, em harmonia com a natureza”. A Comissão Mundial das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento declara: “O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de atender a suas próprias necessidades”. Isto se aplica à agricultura, ao manejo florestal, ao uso das águas, aos níveis de poluição, à indústria, à extração de recursos, à urbanização, às políticas e estratégias nacionais. “Sustentável” acoplado a “desenvolvimento” supõe crescimento contínuo, mas não tal que degrade oportunidades e ambientes para o futuro.

A ética — assim defende esse argumento — não deve confundir as pessoas com a Terra. A Terra é um grande amontoado de pedras como a Lua, mas nesse caso com pedras cercadas por água e iluminadas de tal modo que suportam vida. A Terra é sem dúvida preciosa como meio de suporte à vida, mas não é preciosa em si mesma. Não há nada em um planeta. Não existe nem mesmo a vitalidade objetiva de um organismo, ou a transmissão genética de uma linhagem de espécie. A Terra não é sequer um ecossistema, estritamente falando; é uma frouxa coleção de miríades de ecossistemas. Assim, qualquer eticista deve estar falando de modo vago, talvez poética ou romanticamente, ao valorizar a Terra. A Terra é apenas uma coisa, uma coisa grande, especial para aqueles que incidentalmente habitam nela, mas ainda assim uma coisa, e inapropriada como objeto de valoração intrínseca ou sistêmica. Não temos deveres em relação a pedras, ar, oceano, lodo ou Terra; temos deveres em relação a seus habitantes. A natureza, não importante em última instância, é (no sentido literal) provisoriamente importante. Qualquer condição da natureza que supra e sustente tais oportunidades será aceitável.

A ética ambiental radical julga, porém, que essa explicação humanista deixa de reconhecer a unidade de sobrevivência globalmente relevante: a Terra e sua biosfera. A linha de demarcação inferior, transcultural e inegociável é uma biosfera sustentável. Este é o último círculo de expansão: a Terra toda. A visão nós-e-nossos-recursos-sustentáveis não constitui uma análise sistêmica do que está ocorrendo. O planeta é uma biosfera auto-organizada, que produziu e continua a suportar todos os valores terrestres. A Terra é a fonte do

valor, e portanto valiosa, capaz de produzir valor por si mesma. Essa generatividade é o significado mais profundo do termo “natureza”, “dar à luz”. Os humanos não valorizam os sistemas que suportam a vida na Terra porque são valiosos, e não o contrário?

É certo que os humanos são os únicos avaliadores que podem refletir sobre o que está ocorrendo com animais, plantas, linhagens de espécies, em termos da história evolutiva, ou em escalas globais, ou que podem deliberar sobre o que eles devem fazer para conservá-los. Quando os humanos fazem isso, eles precisam estabelecer as escalas. E os humanos são as medidas das coisas. Animais, organismos, espécies, ecossistemas, Terra não podem nos ensinar como efetuar essa avaliação. Mas podem mostrar o que deve ser avaliado. As escalas axiológicas que construímos não constituem o valor mais do que as escalas científicas que erigimos criam o que elas medem. Os humanos não constituem tanto um valor iluminador em um mundo meramente potencialmente valioso quanto fazem psicologicamente parte de uma história natural planetária em processo, na qual existe valor onde quer que haja criatividade positiva. Uma ética axiológica deve otimizar os níveis de valor e diversidade sobre a Terra, tanto do ponto de vista natural como da perspectiva cultural. Para colocá-lo de forma teológica, os humanos são curadores, bem como administradores dotados de domínio.

Em profundidade, semelhante ética da Terra pergunta-se se o Iluminismo europeu é compatível com o emergente movimento ecológico, tanto teórica como praticamente. Ciência, tecnologia, indústria, democracia, direitos humanos, liberdade, satisfação de preferência, maximização dos benefícios sobre os custos, consumismo — toda

essa “ética da administração” é resultado da visão de mundo iluminista. E está seriamente comprometida como causa da crise ambiental. Boa parte do entusiasmo humanista que o Iluminismo recebeu foi algo bom na modernidade; mas hoje, com uma virada ambiental, precisa ser ecologicamente refinado. A ética precisa tornar-se pós-moderna.

O desenvolvimento no Ocidente baseou-se no mito iluminista do crescimento infinito. Mas nos Estados Unidos e na Europa, quer se considerem o desenvolvimento agrícola, o corte de florestas, os rios danificados e desviados, as terras cercadas, a extração de minerais ou a construção de auto-estradas e estradas menores, os próximos cem anos não podem ser como os últimos cem. Nenhuma das nações desenvolvidas estabeleceu ainda uma cultura sustentável em suas terras.

Nessas escalas, “sustentável” também significa “equitativo” ou “justo”, uma ética da ecojustiça. Na Terra, as nações desenvolvidas contêm cerca de um quinto dos 5 bilhões de pessoas do mundo, e produzem e consomem cerca de quatro quintos de todos os bens e serviços. As nações subdesenvolvidas, com quatro quintos da população mundial, produzem e consomem um quinto. Das 90 milhões de pessoas novas sobre a Terra a cada ano, 85 milhões surgem no terceiro mundo, os países menos capazes de suportá-las, e o resultado é pobreza e degradação ambiental em um círculo vicioso. Enquanto isso, as 5 milhões de novas pessoas nos países industriais sobrecarregarão tanto o meio ambiente quanto os 85 milhões de novos pobres.

O problema do excesso de consumo nas nações desenvolvidas está relacionado com o problema do subconsumo nas nações em desenvolvimento, e isto resulta

no aumento da degradação ambiental em ambos os blocos de nações. O desenvolvimento sustentável precisa fechar o abismo entre ricos e pobres, entre as nações e também dentro delas. Mesmo que haja uma distribuição equitativa de riqueza, a população humana não pode aumentar dessa maneira sem que as pessoas se tornem cada vez mais pobres, pois o bolo tem de ser constantemente dividido em pedaços menores. Mesmo que não haja crescimento futuro da população, os padrões de consumo não podem aumentar sempre em uma Terra finita. Há três problemas: superpopulação, excesso de consumo e subdistribuição.

Antes a marca distintiva de uma pessoa educada e ética podia ser sintetizada como *civitas*, os privilégios, direitos e responsabilidades da cidadania. As pessoas deviam ser corretas e morais, produtivas em suas comunidades, líderes nos negócios, nas profissões, no governo, na igreja, na educação. Estas eram as responsabilidades que acompanhavam os direitos das pessoas. A marca distintiva de uma pessoa virtuosa hoje, cada vez mais, é algo mais – assim defendem os eticistas ambientais. Não é suficiente ser um bom “cidadão”, pois esta é apenas parte da verdade; somos “residentes” que habitam uma paisagem. Há um século, um apelo à comunidade era tipicamente formulado como a fraternidade dos homens e a paternidade de Deus. Para a maior parte do século XX, o apelo era expresso em termos de justiça e direitos humanos. Neste século, tal apelo precisa ser mais ecológico e menos paternalista, menos humanista e mais global. Estamos expandindo a ética: não é simplesmente o que uma sociedade faz a seus escravos, mulheres, negros, minorias, portadores de deficiências físicas ou mentais, crianças ou gerações futuras, mas o que faz à sua

fauna, à sua flora, às suas espécies, aos seus ecossistemas e ambientes o que revela o caráter dessa sociedade. Nós, humanos,

somos terráqueos e devemos cuidar para que a Terra seja uma virtude humana última e em desenvolvimento.

### Referências

Uma lista completa de antologias e trabalhos sistemáticos pode ser encontrada na bibliografia do *site* da International Society for Environmental Ethics, sob os títulos "Anthologies" e "Systematic Works". Há também uma lista de "Introductory Articles" e relações de cursos e universidades: <<http://www.cep.unt.edu/ISEE.html>>

### PERIÓDICOS

*Environmental Ethics*

*Environmental Values*

*Ethics and the Environment*

*Journal of Agricultural and Environmental Ethics*

- BOTZLER, R. G. e ARMSTRONG, S. J. (eds.), 1998: *Environmental Ethics: Divergence and Convergence* (2ª ed.), New York, McGraw Hill.
- COLLINS, M., 1980: "Foreword", in R. A. Gallant, *Our Universe*, Washington, DC, National Geographic Society.
- DES JARDINS, J. R., 1997: *Environmental Ethics: An Introduction to Environmental Philosophy* (2ª ed.). Belmont, CA, Wadsworth.
- JOHNSON, L. E., 1991: *A Morally Deep World: An Essay on Moral Significance and Environmental Ethics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- LEOPOLD, A., 1969 [1949]: *A Sand County Almanac*, New York, Oxford University Press.
- NORTON, B. G., 1991: *Toward Unity Among Environmentalists*, New York, Oxford University Press.
- POJMAN, L. P. (ed.), 2001: *Environmental Ethics: Readings in Theory and Application* (3ª ed.), Belmont, CA, Wadsworth.
- SALE, K., 1985: *Dwellers in the Land: The Bioregional Vision*, San Francisco, Sierra Club.
- SERRES, M., 1995: *The Natural Contract*, Ann Harbor, University of Michigan Press.
- UNITED NATIONS CONFERENCE ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT, 1992: *The Rio Declaration*. UNCED Document A/CONF.151/5/Rev. 1, June 13.
- UNITED NATIONS WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT, 1987a: *Our Common Future*, Oxford, Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_ 1987b: *Environmental Protection and Sustainable Development: Legal Principles and Recommendations*. London/Dordrecht, Graham and Trotman/Martius Nijhoff.

### Questões para discussão

1. São os humanos os únicos agentes valiosos capazes de instituir valores em um mundo, de resto, livre de valores?
2. Os filósofos têm um papel especial no desenvolvimento da ética ambiental?
3. Os valores só surgem com os interesses e preferências dos humanos?
4. A filosofia humanista é necessariamente antropocêntrica?
5. Quão similar é a inseparabilidade de cultura e natureza à inseparabilidade de mentes e corpos?



6. Os humanos precisam incluir a natureza em sua ética e precisam incluir a si próprios na natureza?
7. Os humanos têm sérios deveres uns em relação aos outros?
8. Existem preocupações éticas que vão além do escopo de um contrato social?
9. A saúde do meio ambiente possui importância ética, assim como a saúde dos humanos no meio ambiente?
10. Que peso deve conferir a ética ambiental aos valores dos animais? Quem deve representar essas preocupações?
11. O que distingue uma ética dos direitos dos animais de uma ética do bem-estar animal?
12. O parentesco com os humanos confere aos animais uma posição moral?
13. Como podemos saber se os círculos cada vez mais amplos da preocupação ética terminam com a reciprocidade entre os agentes morais?
14. O sucesso evolutivo faz da vida animal algo bom?
15. Podemos avaliar tipos de experiência que não compartilhamos?
16. O que justifica conferir valor moral a coisas vivas não-sencientes?
17. A identidade biológica dos indivíduos ou espécies é suficiente para justificar preocupação moral?
18. As plantas podem vicejar ou ficar doentes, e funcionam para preservar suas vidas ou de sua espécie. Isto lhes confere uma posição moral?
19. As vidas naturais espontâneas possuem valor em si mesmas?
20. Temos deveres em relação às espécies?
21. Se o tipo é mais importante do que o exemplar no que se refere a espécies de animais ou de plantas, o mesmo vale para a espécie humana? Quais seriam as consequências políticas e sociais dessa visão?
22. É a unidade fundamental de desenvolvimento e sobrevivência a unidade apropriada para se ter preocupação moral?
23. Como uma maior sensibilidade moral ao ambiente afetaria os sistemas social, político e econômico dos humanos?
24. Quais seriam as partes de um "contrato natural" que pudesse suplementar um contrato social?
25. A ética ecológica é uma questão de argumento ou visão?
26. Se os valores do Iluminismo são incompatíveis com o movimento ecológico, quais devem ser apoiados?
27. Como justiça e desenvolvimento sustentável podem ser relacionados?